

Migração e situações de rua: O uso do álcool nas ruas de Brasília

Pedro de Andrade Calil Jabur^a, Ioneide de Oliveira Campos^b,
Tâmara Rios de Souza^a, Letícia Brazil de Paula^a

^aCurso de Saúde Coletiva, Faculdade de Ceilândia – FCE, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil

^bCurso de Terapia Ocupacional, Faculdade de Ceilândia – FCE, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil

Resumo: O artigo pretende, através de uma pesquisa de campo, reconstituir a trajetória de vida de indivíduos que migraram para Brasília nos últimos três anos e se encontram em situação de rua, destacando, nessas narrativas acerca do cotidiano deles, o uso do álcool tanto como um fator agregador como desagregador de sua trajetória dentro de um conjunto de vulnerabilidades típicas dessa população. A natureza do processo migratório, no sentido individual e social, é analisada como forma de contextualizar a discussão a respeito da trajetória de vida desses indivíduos. O processo de formação, construção e manutenção de uma identidade social é a base de um conjunto teórico que perpassa a ideia de socialização referente às condições como o indivíduo forma e, ao mesmo tempo, é formado pelas diversas e contínuas referências sociais que o cercam. As entrevistas realizadas a partir da escuta das histórias de vida (método biográfico) implicam na construção de um conjunto de desenvolvimento teórico e analítico que discute a importância do estabelecimento e da manutenção de vínculos sociais e afetivos e o papel do álcool no cotidiano desses sujeitos.

Palavras-chave: *Migração, Abuso de Álcool, Vulnerabilidade Social, Pesquisa Qualitativa.*

Migration and street situations: the use of alcohol in the streets of Brasilia

Abstract: This article intends, through a field research, to reconstruct the life trajectory of individuals that migrated to Brasilia in the past three years and are now homeless. It highlights, in the narratives of their daily lives, the use of alcohol as a socializing and disruptive factor in their trajectories within a set of typical vulnerabilities of this population. The nature of the migratory process, in the individual and social senses, is analyzed as a way of contextualizing the debate regarding the life trajectory of the migrant individual. The process of formation, construction, and maintenance of a social identity and biography is based on the idea of socialization, which refers to the conditions in which an individual forms and is formed by the different and continuous social references around them. The interviews conducted based on the listening of life stories (biographical method) imply the construction of a set of theoretical and analytical development that discusses the issue of the importance of establishing and maintaining social and emotional ties and the role of alcohol in the daily lives of these individuals.

Keywords: *Migration, Alcohol Abuse, Social Vulnerability, Qualitative Research.*

1 Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada em 2013 como parte de um projeto acerca da população em situação de rua no Distrito Federal (DF)¹. Em seu objetivo primário, a pesquisa visou inicialmente conhecer o contexto e as histórias de vida dos indivíduos que haviam chegado à região, pelo menos nos últimos três anos (migrantes recentes), e que, anteriormente, não se encontravam em situação de rua. Em nosso percurso, encontramos uma série de relatos sobre a relação dos entrevistados com o uso do álcool e outras drogas em seu cotidiano.

A situação de rua, tanto no sentido estrutural e principalmente em seus aspectos subjetivo, relacional e psíquico, será analisada aqui como forma de contextualizar a discussão a respeito da trajetória de vida desses indivíduos e tentar ampliar uma perspectiva de como as questões da situação de rua, da migração e do uso abusivo do álcool são indicadores importantes dessas trajetórias errantes. Como coloca Girola (1996), as narrativas biográficas dos “sem abrigo” (denominação no contexto francês) constituem justamente verdadeiros relatos míticos de catástrofes, onde a sucessão de perdas acaba por construir trajetórias sempre relatadas em termos negativos: a perda do trabalho, o divórcio, a perda de moradia, a solidão, o álcool e a rua.

Essas são vidas relatadas, em geral, em uma cronologia tortuosa, costurando fatos que parecem trazer a essas pessoas uma inteligibilidade para seu deslocamento. A errância e a fragilidade, de acordo com Frangella (2004), são chaves importantes para o entendimento das situações de rua.

Para o indivíduo em situação de rua, o novo espaço onde se chega pode, dependendo das circunstâncias, funcionar como um instrumento para enfraquecer o seu mundo estabelecido até então e, por isso mesmo, sua identidade. Novos lugares, novas pessoas, relações, desemprego, misérias, memórias afetivas podem, de certa forma, não confirmar, ou não ajudar o indivíduo estabelecer ou conectar o seu repertório individual e social a essa nova dinâmica.

Como explicam Grinberg e Grinberg (2004), ao buscar formas de adaptação a um novo ambiente, muitas vezes hostil, o indivíduo se acha preso em uma contradição entre a exigência social de conformidade às normas sociais, um passado mais ou menos conformativo dentro do conjunto de experiências do indivíduo, e um presente cindido e caótico de referências. Um espaço de vulnerabilidades físicas, psíquicas e sociais.

Como afirmam Botti et al. (2006), a população de rua, contextualizada numa condição de extrema pobreza e fragilização, torna-se altamente vulnerável a múltiplos fatores de risco para a saúde, e o uso de álcool, por inúmeros fatores, torna-se, se não o principal, um dos maiores problema de saúde desse grupo social. Nesse sentido, analisar a saúde desse grupo significa necessariamente refletir a partir das questões decorrentes desse problema, que acaba por funcionar como um dos fatores determinantes da entrada, permanência e saída da rua e da fragilização de seus vínculos e relações.

Os indivíduos em situação de rua vivem em um contexto radical de insegurança e flutuação errante dentro desse percurso social. Essa condição de sobrança social não significa, todavia, uma forma de inexistência social, mas sim de uma condição marcada por rupturas de vínculos e relações sociais concretas e simbólicas (CASTEL, 2003). Esses indivíduos vagam entre empregos, lugares, “casas”, abrigos; situações sem qualquer forma aparente de continuidade ou de projeto mais ou menos racional de vida. Mais do que uma forma de excedente social, esses indivíduos caracterizam-se pela ordem aleatória de sua vida e, portanto, de escolhas, sentidos e narrativas.

Por isso, a questão do uso do álcool não é somente um fator pontual, pois também está ligada à dinâmica do conjunto e da natureza dessas narrativas, da maneira como podemos ouvir e analisar esses percursos de construção e quebra de vínculos sociais.

O objetivo deste trabalho não consiste, portanto, na tentativa de demonstrar simplesmente causas e efeitos de fenômenos. Não existe, aqui, a intenção de relacionar migração, situação de rua e uso de álcool, mas sim a intenção de descrevê-los, a ponto de ampliar as temáticas aqui estudadas e o próprio diálogo entre as Ciências Sociais, a Terapia Ocupacional e as Ciências da Saúde, de uma maneira geral.

2 Procedimentos metodológicos

Realizamos entrevistas com cinco indivíduos do sexo masculino, com idade entre 40 e 60 anos, entre junho e julho de 2013. A escolha do sexo masculino ocorreu como um passo introdutório das pesquisas, na tentativa de iniciar uma caracterização e uma primeira abordagem junto a população de rua já que – como demonstra a pesquisa nacional sobre a população em situação de rua (BRASIL, 2008), 82% dessa população é composta por homens.

As entrevistas foram realizadas durante o dia, prioritariamente na parte da manhã. Cada entrevistado foi ouvido em média por cerca de

duas horas, em dois ou mais encontros, através de entrevistas gravadas com a anuência dos entrevistados, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes verdadeiros dos entrevistados foram modificados, a pedido deles. Em sua maioria, os indivíduos saíram do campo e de pequenas localidades do norte de Minas Gerais e do Nordeste do país para tentar a vida em uma cidade grande, no caso Brasília.

Neste trabalho, destacaremos os relatos que, de certa forma, abordaram a problemática do uso abusivo do álcool. Em algumas das falas, o uso do álcool se associa com o uso de outras drogas. Contudo, pela predominância do álcool nas entrevistas, destacamos somente essa questão dentro da discussão maior.

A utilização de histórias de vida como método de investigação e instrumento de reflexão e análise por parte de historiadores, antropólogos e sociólogos, entre outros, possui uma longa tradição, inserindo-se na linha das metodologias qualitativas de investigação social, sobretudo quando é usada como técnica principal de recolhimento de dados (PAIS, 2009).

Por se tratarem de histórias narradas sobre a própria vida, a história de vida não é um instrumento metodológico que se refere unicamente a um conjunto de fatos e à relação entre eles, incluindo também o investimento emocional do narrador. Por isso, à medida que são relatados se tornam progressivamente objetos de análise, mecanismos interpretativos, tanto pelo próprio sujeito da pesquisa, em nível mais individualizado, como pelo pesquisador, dentro de referências sociais.

Nesse sentido, portanto, é que essas histórias se encontram no cruzamento simultâneo entre individual e social, simbólico e concreto ao enunciar uma teia de relações feitas e desfeitas: família, conflitos, a profissão, o trabalho, os problemas pessoais, como o alcoolismo, a drogadição; os problemas psicológicos; as desilusões amorosas; as desilusões com a sociedade.

Por isso mesmo, a história de vida se torna um instrumento utilizado para ilustrar a relação inseparável entre indivíduo e sociedade, como seu pertencimento a diferentes microcosmos sociais produz condições favoráveis à produção de trajetórias de vida, permitindo captar o que escapa às estatísticas, às regularidades objetivas dominantes e aos determinismos macroestruturais, tornando acessível o particular, o marginal, as rupturas, os interstícios e os equívocos, elementos fundamentais da realidade social, que explicam por que é que não existe apenas reprodução e reconhecendo, ao mesmo tempo, valor sociológico no saber individual.

Os documentos biográficos não podem nunca ser considerados reflexos passivos de uma entidade atomizada, sem envolvimento social. Como explica Pais (2009), o relato biográfico revela-se como uma prática humana e como uma espécie de síntese de uma história social. As narrativas biográficas constituem um método que acaba por atribuir à subjetividade um valor de conhecimento que se torna ponto de partida para a compreensão da realidade social.

É também a partir do espaço afetivo e simbólico que os diversos grupos sociais podem definir suas referências e sua identidade e objetivos, determinando e organizando toda uma dinâmica de funcionamento através do tempo, do passado, do presente e do futuro de uma comunidade. No intuito de explicitar justamente a importância dessa transformação simbólica, a ideia de memória e de tempo, como instâncias constituintes de uma identidade, serve de instrumento de aproximação através da qual procuraremos entender a complexidade, simbólica e, por isso mesmo, formativa.

Por essa razão, as noções de identidade, de vínculos (ou relações) sociais, de memória, de tempo e de socialização se apresentam quase naturalmente no processo desse tipo de pesquisa. Necessariamente, essas referências conceituais dizem respeito a esse cruzamento entre vivências individuais e contextos sociais ao destacarem a maneira como se relacionam as instâncias individuais e coletivas, ou seja, como se forma a relação entre o indivíduo e a sociedade e de que natureza é esse vínculo que se estabelece dentro das mais diversas realidades (BERGER; LUCKMANN, 1983).

Justamente, a construção de uma trajetória de um indivíduo em situação de rua se relaciona diretamente com um complexo número de atribuições no sentido tanto de ser possível vivenciar perdas, rupturas, como também na possibilidade de construir, através de novos vínculos e relações, novas experiências, que de uma maneira ou de outra ajudarão o indivíduo a viver essa nova dinâmica de vida e também a suportar, de uma maneira construtiva, as perdas e as possibilidades de reconstruções. Nesse sentido, o papel da memória como ponte espaço-temporal entre essas duas novas realidades, que às vezes se apresentam de maneiras explicitamente contraditórias, é de fundamental importância.

A discussão e a prática de construir pesquisas a partir de narrativas biográficas fazem emergir uma série de discussões e aportes conceituais das ciências sociais e que, posteriormente, poderão fazer parte das próprias temáticas de análise da pesquisa. Esses aportes partem, portanto, de um arcabouço da sociologia fenomenológica, da etnometodologia e

do interacionismo simbólico, no sentido de buscar justamente o entroncamento entre o individual e o social (não tomados, aqui, como polos opostos, mas inter-relacionados), o pessoal e o coletivo.

Nesse sentido, como explica Germano (2013), as narrativas construídas permitem explicitar um conjunto de ações e pensamentos individuais contextualizados dentro de um universo coletivo mais amplo, que à medida que são relatados se tornam progressivamente objetos de análise, mecanismos interpretativos tanto pelo próprio sujeito da pesquisa, em nível mais individualizado, como pelo pesquisador, dentro de referências sociais. Por se tratar de uma história narrada sobre a própria vida e uma narrativa acerca de si mesmo ser um elemento central de sustentação do próprio eu, a história de vida não é um instrumento metodológico que se refere unicamente a um conjunto de fatos e à relação entre eles, mas inclui também o investimento emocional do narrador.

Por isso mesmo, a escolha dessa matéria, como coloca Pais (2009), passa pela tentativa de o pesquisador retratar situações narrativas e, especificamente, os momentos e os contextos que se destacam dentro das temáticas escolhidas pelo autor. De certa maneira, explica Germano (2013), contar a própria história é uma forma de reviver os eventos que se recorda e é também um ato de (re)elaboração de sentimentos, emoções e ações associados. Nesse sentido, uma história de vida não constitui simplesmente um relato objetivo e exaustivo de eventos ocorridos na vida do narrador, nem exterior a eles, nem meramente um relato desinteressado. Pelo contrário, é um relato dotado de uma afetividade particular justamente porque é através dele que o sujeito se reconta e se reafirma como uma identidade distinta das demais, mas com capacidade de relacionamento com elas. Tentaremos destacar a seguir um breve resumo cronológico, recolhido através das entrevistas, da trajetória desses sujeitos de nossa pesquisa e algumas falas e episódios importantes dentro do percurso desse trabalho.

Importante frisar que esses documentos biográficos não podem ser considerados reflexos passivos de uma entidade atomizada, sem envolvimento social. Como explica Pais (2009), o relato biográfico revela-se como prática humana e como uma espécie de síntese de uma história social. Para o autor, as narrativas biográficas constituem um método que acaba por atribuir à subjetividade um valor de conhecimento que constitui ponto de partida para a compreensão da realidade social.

3 Resultados

Mário, 45 anos, deixou a família, esposa e seis filhos, no interior do Piauí para buscar emprego em Brasília. O sonho dele era justamente poder trazer a família para morar com ele. Depois de um período, consegue um emprego de segurança. Posteriormente descobre que sua esposa se casou novamente e se mudou com seus filhos para local desconhecido. Mário consegue narrar episódios de sua vida, mas das poucas situações que consegue elaborar, praticamente todas se referem, diretamente ou indiretamente, a essa perda brusca de uma família que ele sonhava e idealizava trazer para Brasília.

Sei que me deixaram por aí sozinho e fiquei sozinho nesse mundo todo [...] Eles não querem, mas eu vou atrás. Ninguém consegue viver sozinho por aqui, como eu tô agora, largado [...] Vim para cá e me perderam. Essa solidão é a solidão dos solitários. Isso tudo é coisa minha, de homem perdido (Mário).

Ao contar sobre sua “sobrevivência” em Brasília, Mário relata:

No Piauí, não bebia... [risos] Bebia de vez em quando, igual todo mundo. Depois que vim pra rua, comecei bebendo pra esquecer da situação, pra esquentar, pra almoçar, pra jantar, pra dormir (risos). Aí, meu amigo, bebo todo dia... Tem dia que junto uns trocos e não como não... Vou já comprar minha pitchulinha [pinga] e esqueço da vida (Mário).

Em um outro momento,

Bebo de saudade. Vim para dar condições para minha esposa, para meu filhos, e acabei sozinho, na rua... Eu bebo para esquecer que tenho saudade, dela e dos meus filhos... Eu fico tentando lembrar o rosto deles... Tem dia que esqueço, mas sem eles não sou nada não... Sou só pinga, mano [risos] (Mário).

Toda vez que questionado sobre a razão de estar na rua, Mário permanecia em silêncio ou relatava alguns episódios desconexos que indiretamente não demonstravam ter relação com sua situação atual, pelo menos conscientemente. Estar na rua, para Mário, parecia muito mais uma espera, um acidente momentâneo, e não uma condição:

Não fui eu que deixei ninguém [...] Só estou aqui, esperando, esperando [...] Com pinga, eu cozinho muito bem o jantar para uma pessoa só e foi por isso, exatamente por isso, que me colocaram aqui na rua: tentei pular de uma perna só e me estrepei, perdi o emprego e vim para o olho da rua (Mário).

Como explicam Grinberg e Grinberg (2004), em situações de migração, onde o indivíduo experimenta fatores de solidão, perda de vínculos e referências, a família deixada, lembrada e rememorada muitas vezes ocupa um espaço tão grande na vivência desses migrantes que seus relatos giram em torno desse mesmo tema: a perda dessa constelação afetiva, social e simbólica que a família representa.

Em outro extremo dessa análise, existem alguns indivíduos que chegaram à Brasília completamente sozinhos, sem qualquer tipo de vínculo afetivo estabelecido anteriormente. Sua chegada parece ter aprofundado esse vazio vincular.

Carlos saiu do norte de Minas Gerais, segundo ele, expulso da casa da família por tentar bater no pai, já bastante idoso, em uma discussão familiar “*por conta de uma herança que me roubaram*”, segundo conta. Não sabe precisar sua idade. Afirma nunca ter precisado trabalhar porque “*não sabe fazer nada*”. Chegou em Brasília há cerca de um ano, sem conhecer ninguém. Com um discurso bastante coerente e, por vezes, empostado, Carlos se diz “*poeta da rua movido a cachaça*”.

O mundo todo é sozinho e aqui só tem gente sozinho [...] Você pode ver na cara de todo mundo dessa terra que ser sozinho é sina e chaga. Quem não sabe disso é que é mais sozinho ainda. Jesus morreu para sermos todos sozinhos, sem ninguém pregado na cruz (Carlos).

Sobre o uso do álcool, Carlos relata:

Bebo todo dia. Cachaça que é mais barato, mas o que tiver colocou para dentro [...] Gosto de beber assim porque sempre aparece um pra dividir, pra conversar [...] A bebida aqui é de todo mundo e é o mundo todo (Carlos).

Ao explicar, sua vida nas ruas:

Sou assim mesmo [...] Não me arrependo de ter saído fugido de casa, posto pra correr, igual cachorro louco. Eu sou cachorro louco [...] Na rua é diferente, a gente aprende que o que tiver na frente a gente tá papando, ou bebendo [risos] (Carlos).

Em grande parte dos relatos, a migração e a chegada à rua são vividas e relatadas como fenômenos, como uma decisão fantasmática, sem sujeito, espalhada e fragmentada no mundo desse indivíduo. Ou seja, de uma maneira ou de outra, o início de todo esse processo aconteceu de uma forma irrecuperável, tanto no nível afetivo, da memória (individual e coletiva), como no nível social, pela impossibilidade de ser dividido, de ser posto dentro

de uma lógica vincular. Nesse sentido, o uso do álcool parece inserir-se nesse rol de aleatoriedades sociais, simbólicas e, portanto, afetivas.

Ramiro, 43 anos, se apresenta como “*andarilho do mundo*”. Afirma ter nascido na Guiana Francesa e tem caminhado “*toda a sua vida, para morrer andando*”. Chegou em Brasília há cerca de 2 anos. Não relata existência de familiares e afirma ter “*mais de cem filhos espalhados em cada município do país*”. Com uma fala bastante confusa e fragmentada, Ramiro se mostrou alcoolizado em todos os momentos de nossos três encontros.

Mudei porque mudei, porque o mundo inteiro muda. Não sou de pensar. Ninguém tem nada a perder com ninguém, por isso todo mundo que é mundo muda [...] Só eu na frente mesmo, tanto faz. Comecei a beber aqui mesmo na rua [...] Comecei e não parei [...] Não serve pra nada não, só pra colocar pra dentro e ir para o abraço. Eu não choro por ninguém não [...] minha vida sou só eu [...] Tá escrito aqui na minha cabeça que quando morrer é só enterrar e jogar pinga por cima (Ramiro).

Roberto, 58 anos, deixou sua família no, como afirma, “*deserto do Nordeste*”, para tentar um emprego com parentes em Brasília, há cerca de 2 anos. Foi segurança, lavador de carros, pipoqueiro e catador de latinha. Explica ter ido para as ruas depois de ter sido humilhado pelos sobrinhos, com quem estava morando.

Eu vim para cá porque eu sou doído mesmo. Falei para meus filhos que tem gente que vai para a padaria comprar pão, eu paguei minhas trouxas e “zap”, cai fora. O meu negócio é sempre cair fora. É fácil assim, viu? Arrumei uma companheira aqui [...] Chamo ela de Pitchula [risos] porque passamos o dia inteiro de papo pro ar, bebendo [...] Um dia a gente vai embora juntos, mas, por enquanto, é só olhar pra cima e encher a cara [...] Feliz da vida! (Roberto).

A mudança para Brasília constitui processo de ruptura social muito evidente. Não é somente o conjunto e a natureza de laços sociais que se desfazem abruptamente, mas também a maneira como esses fiapos de relação, vínculo e realidade, são vividos e percebidos pela sociedade e pelo contexto em que esse indivíduo se encontra. É impossível apontar objetivamente que esse processo é um ponto de inflexão para uma trajetória de isolamento, adoecimento e vulnerabilidade social.

Muitas vezes, por isso a cidade e o contexto da vida nas ruas são caracterizados como uma espécie de centro de confluência de todas as situações extremas

vividas por esses indivíduos, ponto de referência das perdas, dos traumas, das mortes, das doenças e dos desequilíbrios.

Sérgio, segundo afirma, “*é advogado formado no Recife*”. Veio para Brasília, “*para tentar uma posição na Procuradoria*” há 2 anos. Quando questionado sobre a existência de familiares ou as razões de estar morando na rua, Sérgio muda rapidamente de assunto:

Brasília é a pior coisa do mundo [...] Deixa todo mundo louco e bobo... Tudo é longe e os carros passam zunindo no seu ouvido. Alguns companheiros aqui morreram atropelados igual cachorro. Nessa cidade, acho que esse é o fim pra todo morador de rua [...] Você quer saber meu sonho, meu sonho mesmo é encher a cara e um caminhão desses passar por cima de mim. Puf! Assim, de repente [...] Ninguém nem ia saber (Sérgio).

Se, anteriormente, Brasília representava, possivelmente, a miragem de uma nova vida, a solução de uma trajetória social, muitas vezes já instável, ela se torna, tempos depois da chegada, uma forma de pesadelo. Nesse sentido, não existe a Brasília real, a cidade possível, mas sim o espaço radicalmente alucinado e, por isso, vivido, positiva ou negativamente. Brasília é a solução para tudo, que repentinamente – pois a vivência de um desequilíbrio é sempre fugaz – se torna um dos principais objetos de acusação e perseguição de toda uma vida.

Eu bebo porque Brasília é a cidade do capeta... Tudo aqui faz mal. Desde que cheguei, tenho um pesadelo atrás do outro. Nenhum sonho bom (Sérgio).

O aspecto aleatório e frágil dos vínculos não é somente caracterizado pelas relações que se estabelecem e se quebram facilmente, mas também pela mudança brusca da natureza afetiva envolvida nos laços que esses indivíduos constroem em sua vida.

Essa ausência de espaços de socialização, ocorrida antes ou depois do processo de mudança, e a história desse processo de desagregação, marcado pela vida na rua e pelo álcool, se tornam evidentes na maioria dos relatos. São histórias de quebras, rupturas, que aparecem através de um sofrimento social e psíquico evidentes:

A real é que antes de vir pra rua, eu não bebia não! Morava com família, ninguém bebia [...] quando cheguei em Brasília, foi uma zuera só. Rapidinho eu tava na rua, sem ninguém [...] Na rua mesmo, no meio dessas ruas que não passa ninguém [...] A hora que o dinheiro chega no bolso, o negócio é tomar várias pra esquecer rapidinho tudo isso (Sérgio).

Em relação ao uso de outras drogas, poucos falaram diretamente sobre isso, embora nos relatos exista indiretamente a menção ao uso de maconha, cocaína e, em menor número, de *crack*. Carlos, por exemplo, explicita sua preferência pelo álcool:

Já fumei, já cheirei aqui [...] Mas não dá não [...] Sujeito fica na nóia, zuado o dia inteiro atrás de grana pra comprar mais. Na pinga, eu fico tranquilo, qualquer um real ce compra goró pro dia e fica doidão do mesmo jeito [...] Tenho mais idade pra ficar de viração, andando pra lá e pra cá (Carlos).

Ao serem questionados diretamente sobre a questão do uso do álcool como um problema de saúde e sobre a consequente busca de tratamento, os entrevistados, em sua totalidade, demonstraram uma disposição contraditória e ambígua. Ao mesmo tempo em que afirmam uma disposição para parar o uso do álcool, reafirmam sua importância e centralidade em no próprio cotidiano. Como coloca o manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua (BRASIL, 2012), essa situação ocorre com frequência entre as pessoas com problemas com drogas, no que se refere à sua motivação ambígua para interromper o uso e iniciar um tratamento:

Eu até gostaria, cara, de ficar limpo, parar de beber, tomar um banho, colocar uma roupa esticada e ir trabalhar. [...] De vez em quando vem um pessoal aqui falar sobre álcool, drogas [...] Cara, mas quando bate o frio, a solidão e a fome, eu peço cachaça até morrer (Mário).

Ou como relata Roberto,

Eu até tento parar de beber, mas pedir dinheiro de “cara limpa” não dá. Só na base do goró mesmo [...] ouvir xingamento, motorista mandando trabalhar e até cuspe na cara, o negócio é trabalhar cheio de cana na alma (Roberto).

Sérgio dá uma outra explicação:

O frio não deixa, cumpadi. A fome não deixa, o medo de morrer no escuro, de noite, não deixa (Sérgio).

4 Discussão

A promulgação, no Brasil, da Política Nacional para a População em Situação de Rua, através do decreto n. 7.053/2009, possibilitou desde a construção de lógicas de apoio e cuidado institucionais, até a realização e a publicação de uma série de pesquisas de perspectiva majoritariamente censitária, manuais

de cuidado e outras linhas de pensamento acerca dessa população.

Nesse caminho, foi publicado em 2012 o manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua (BRASIL, 2012). Desenvolvendo rapidamente questões de terminologia a respeito da população e referenciais teóricos, a publicação prioriza a discussão sobre a criação de uma política pública de saúde voltada para a população em situação de rua, garantindo, além disso, o acesso dessa população às outras possibilidades de atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS), com a implantação dos Consultórios na Rua.

Importante frisar que grande parte das pesquisas até então realizadas dentro desse contexto destacam-se pelo trabalho em termos quantitativos em relação à população em situação de rua. A construção de um conjunto de conhecimento sobre situações de rua também passa necessariamente pela construção de interpretações de cunho qualitativo no sentido de, como um segundo passo, ampliar esse material já construído acerca dessa população.

As particularidades das experiências narradas e a forma como cada indivíduo reage dentro de sua trajetória de vida na rua não nos permitem construir generalizações teóricas, mas não impedem uma análise crítica de uma situação de vulnerabilidade e fragilidade social e psíquica que extrapola o cenário meramente individual e subjetivo.

Como já mencionamos, as trajetórias de vida narradas são marcadas substancialmente por rupturas, por vínculos desfeitos, por um sentido de pertencimento e construção de sua própria sociabilidade interrompido por mudanças, mortes, desaparecimentos, demissões, estranhamentos. As quebras narrativas e os discursos descontínuos da população em situação de rua podem ser reforçados, apontam Bento e Barreto (2002), pela vontade contraditória de, ao mesmo tempo, tentar esquecer um passado e, por outro lado, só possuir essas memórias como instância afetiva e vincular concreta alguma vez estabelecida na vida desses indivíduos.

Os relatos aqui apresentados constituem um conjunto de narrativas marcadas essencialmente por um sentido de fragmentação muito grande, que espalha uma sensação de angústia e sofrimento em quem narra e em quem ouve e, posteriormente, analisa.

É dentro dessa lógica que a migração, a condição de situação de rua, o uso abusivo de álcool e outras drogas são interpretados, no desenvolvimento e no sentido desta pesquisa, como a condição real e metafórica da qualidade da trajetória de socialização

e dos vínculos empreendidos por esses indivíduos. Essa teia biográfica dessas trajetórias sociais, muitas vezes difíceis de serem seguidas, parece, ao mesmo tempo, regada por uma confusão, muitas vezes delirante, que aparece em suas narrativas: ruídos, silêncios, repetições, choro, raiva, imprevisibilidade de narrativas e de vidas, sem destino de partida e de chegada, sem qualquer identificação.

A fluidez movediça da vida urbana – a rua, no caso dessa população, acaba se transformando numa zona de tensão que coloca em constante pressão os projetos individuais desses migrantes e o contexto histórico social em que se encontram. Ao se entrar em contato com essa população, percebe-se que o ritmo da e na rua é marcado por uma outra temporalidade. Virações de sobrevivência, corpos errantes (FRANGELLA, 2004), corpos estáticos e extáticos, esses muitas vezes mergulhados em virações mentais de alucinações, manias e perseguições.

Essa outra vivência rítmica das situações de rua narradas é contaminada e contamina a questão do consumo do álcool, especificamente. “*Eu bebo de tudo*” foi uma expressão bastante ouvida nas narrativas. Muitas vezes – não era nossa intenção precisar quantitativamente –, o álcool torna-se, para esses indivíduos, uma espécie de meta diária e viciada de vivência e sobrevivência; vinculações e desvinculações; festas, tristezas e amarguras; sanidade momentânea e loucuras.

Enquanto quantidade ingerida, horários, tipos de bebida aparecem em formas, escolhas e tempos aleatórios, Kasper (2006) destaca que o ato de beber se insere em uma ritualização própria entre a população em situação de rua. Seja ela coletiva, como aponta o autor:

A roda não é apenas um “grupo de indivíduos dispostos em círculo”, mas também uma forma de comunismo, pois a regra é quem tem dinheiro compra a bebida e todo mundo bebe. O local da roda, na ilha dos caixotes, tinha certa estabilidade e constituía como que um foco de sua vida social (KASPER, 2006, p. 100),

seja uma espécie de ritualização solitária, como nos explica Mário:

Beber, beber mesmo é sozinho, cara! Essa coisa de rodinha, isso é outra coisa: é festa, é briga, é droga [...] Curtir uma birita tem de ser sozinho, com o sol rachando na sua cabeça, pro negócio bater de uma vez e você chapar na grama [...] sem muita conversinha. Não é murrinha não. Se alguém chegar e pedir, eu dou (Mário).

Ao mesmo tempo em que era comum observar alguns indivíduos em rodas de bebida, também era possível enxergar os solitários, aqueles que, para Mário, se afastam para “*chapar*” sozinhos, reflexo, como afirma Pais (2006), de vidas, deambulações, sonhos e pesadelos solitários.

Outro aspecto que chama atenção é que os indivíduos relatam que a bebida não justifica furtos, pois é muita barata e de fácil acesso. A “*intera*”, como eles chamam o compartilhamento de dinheiro para a compra da bebida, é sempre feita rapidamente, sem brigas. Como coloca Varanda (2003), esse processo não corre com a droga, que às vezes, mesmo sendo barata, exige mais dinheiro e um esforço adicional para consegui-lo.

Se, por um lado, as condições vulneráveis – concretas, sociais e simbólicas – acabam sendo prioritariamente mediadas pelo álcool, que de algum modo seria utilizado na tentativa de suavizar as rupturas, parecendo ter certo poder de integrar o que se apresenta muitas vezes insuportável de ser vivido (solidão, frio, fome, miséria, medo), por outro, segundo demonstra Varanda (2003), a bebida vai diminuindo as resistências e a força do indivíduo e transformando a rua numa espécie de prisão quase perpétua. O indivíduo em situação de rua parece se encontrar em uma dupla solidão, em relação ao seu passado, muitas vezes de perdas e rompimentos, e em relação ao seu presente, contexto de miséria, fragilidades e vulnerabilidades.

Botti et al. (2006) reconhecem os padrões de uso de risco do álcool como fator de fragilização da saúde dessa população (entre eles, a suscetibilidade maior a outras enfermidades, a redução da possibilidade de engajamento em trabalhos fixos, o depauperamento físico e acidentes) e, ao mesmo tempo, apontam a existência de uma espécie de funcionalidade do uso do álcool como elemento socializador nos grupos de rua, possibilitando à pessoa integrar-se a uma rede tênue e efêmera de vínculos afetivos fragmentados. Nesse sentido, o álcool serve como um amortecedor do desconforto, da solidão, ao mesmo tempo que permite a criação de determinados vínculos com os colegas e companheiros de rua.

Ou seja, como já havíamos mencionado anteriormente, o álcool, entre essa população, não deve ser pensado, somente, a partir de uma perspectiva de causa e consequência para um estado de vulnerabilidade, seu significado é muito maior: uma espécie de qualificador dessas sobrevivências, um adjetivo dessa errância que é, ao mesmo tempo, causa e consequência; identificador de pertencimento e vulnerabilidades, de vínculos (frágeis), de solidão

e de angústias relatadas. Uma das simbologias de um estado de exclusão e miséria.

A escuta analítica dessas histórias recolhidas se assemelha a ouvir um único grande relato, com tintura majoritariamente trágica. Uma história de quebras e rupturas que acontecem progressivamente – família, amigos, escola, trabalho, cidade de origem, Brasília, local de moradia, religião. Importante frisar que não existem somente tragédias, mas há, na verdade, a reconstrução de novos sentidos, teias e histórias (JABUR, 2008).

Por isso, este artigo não se construiu a partir de constatações fechadas, conclusivas, com argumentos diretos e precisos, mas tenta de alguma maneira analisar, interpretar e, sobretudo, tatear progressivamente uma forma de procurar por esse indivíduo, que constantemente escapa. Como afirmou Sérgio, em um de seus relatos: “*eu fujo de todo mundo, fujo o tempo todo, para me encontrar na garrafa de goró*”.

Se qualquer forma de entendimento e de leitura implica, necessariamente, na busca por uma compreensão, se não direta, pelo menos emocional, é justamente a angústia do não entendimento, de um sentido frágil e às vezes ausente que perpassa as narrativas. Recolher essas narrativas é também buscar pedaços de falas, de pegadas, de memórias; uma espécie de procura de um sentido que, de antemão, é e será sempre incompleto. Marcado por vidas “*regadas à pinga, prontas para morrerem atropeladas*”, como ressaltou Sérgio.

São trajetórias ignoradas, rumos ignorados, povoados por uma coletividade de fantasmas – muitas vezes impossíveis de serem comprovados –, de vazios, de esquecimentos e fragmentos.

Referências

- BENTO, A.; BARRETO, E. *Sem amor sem-abrigo*. Lisboa: Climepsi Editores, 2002.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua*. Brasília, 2012.
- BOTTI, N. C. L. et al. Padrão de uso de álcool entre homens adultos em situação de rua de Belo Horizonte. *SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas*, Ribeirão Preto, v. 6, p. 162-176, 2006.
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

- FRANGELLA, S. M. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. 2004. 361 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- GERMANO, I. M. P. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15., 2013, Fortaleza. *Anais...*
- GIROLA, C. M. Recontrer des personnes sans abri: une anthropologie réflexive. *Politix*, Paris, v. 9, n. 34, p. 87-98, 1996.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Migração e exílio: estudo psicanalítico*. Lisboa: Climepsi Editores, 2004.
- JABUR, P. A. C. *De migrante a interno: uma leitura sociológica do processo de desvinculação social e psíquica*. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- KASPER, C. P. *Habitar a rua*. 2006. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- PAIS, J. M. *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Lisboa: Ambar, 2006.
- PAIS, J. M. *Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso*. 4. ed. Lisboa: ICS, 2009.
- VARANDA, W. *Do direito a vida à vida como direito: sobrevivência, intervenções e saúde de adultos destituídos de trabalho e moradia nas ruas da cidade de São Paulo*. 2003. 126 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

Contribuição dos Autores

Pedro de Andrade Calil Jabur: concepção do texto manuscrito, redação do texto, pesquisa de campo, revisão. Ioneide de Oliveira Campos: concepção do texto, revisão. Tâmara Rios de Souza e Letícia Brazil de Paula: pesquisa de campo, organização de fontes. Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Notas

¹ O projeto de pesquisa *Situações de rua: histórias de vida, vínculos e sociabilidade*, que conta com financiamento do CNPq, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília, em 10/7/2013, sob protocolo n. 330.731.